

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE ARTE CORPORAL
CURSO DE BACHARELADO EM DANÇA



UNIVERSIDADE
DO BRASIL
UFRJ

Autor: Wagner do Carmo Iris
Orientação: Roberto Eizemberg dos Santos
Co-orientação: Hugo Oliveira
MONOGRAFIA

FOTODANÇA

MASCULINIDADE E AFETIVIDADE PRETA



Rio de Janeiro
2021

Wagner do Carmo Iris

FOTODANÇADA
MASCULINIDADE E AFETIVIDADE PRETA

Trabalho de Conclusão do Curso Apresentado
como Requisito Parcial à Obtenção do Grau de
Licenciado em Educação Física
Escola de Educação Física e Desportos
Centro de Ciências da Saúde
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Orientador(a): Roberto Eizemberg dos Santos

Co-orientação: Hugo Oliveira

Rio de Janeiro, 2021

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE ARTE CORPORAL**

O Trabalho de Conclusão do Curso: Dança

elaborado por: Wagner do Carmo Iris

e aprovado pelo(a) professor(a) orientador(a) e professor(a) convidado(a), foi aceito pela Escola de Educação Física e Desportos como requisito parcial à obtenção do grau de: (Licenciado(a) em dança, Bacharel em dança ou Bacharel em teoria da dança)

10 (dez)

(grau)

PROFESSORES(AS):

Orientador(a): Roberto Eizemberg dos Santos

Convidado(a): Aline dos Santos Teixeira

Convidado(a): Alexandre Carvalho dos Santos

À Kaila.

AGRADECIMENTOS

Sou continuação, continuidade de corpos que moveram para que eu movesse, para que próximos corpos movam. Nós fizemos. Nós quem? Meus ancestrais, que me permitiram ser essa energia mesclada que ascende de resistência, do povo Pataxó e do povo Bantu Angolano. Todes profissionais do Departamento de Arte Corporal da UFRJ que se deixaram e se deixam ser ponte para o saber de outres, os Projetos de extensão e toda sua importância não só na minha vida acadêmica, mas até mesmo na vida da minha família, em especial os projetos PADE UFRJ, Projeto Corpo Estranho – Dança UFRJ e Companhia Folclórica do Rio-UFRJ, os Coletivos que Bonde do Jack e Afro Fella que também tenho como família, CJ Hip Hop, FZO Crew e Galpão Aplauso que me vi nascer como artistas, minha família que são os meus amores, em especial Maria de Lourdes Araujo, Anderson do Carmo, Jeferson Carmo, Kimberly Carmo e Lilian Corrêa, sem vocês não sou. Aldeia Marakanã que segue resistindo e mantendo viva as tradições, essência e identidade dos povos originários dessa terra. Os meus colegas de curso em especial a turma 2013.1. Os que foram morada e aproximaram meu percurso até a universidade, Dandara Patroclo e Tais Almeida, Araci Xavier e Gelson Ferreira. Marcia Figueiredo, Simonne Alves e Thiago Figueiredo. Os que me ensinaram com muito afeto a afirmação do potencial do corpo preto no mundo, Ilram Baoba, Mestre Célio Gomes, Instituto Aluandê Capoeira Angola, Kubata Big Field Angolá e Família Macura Dilè. Os que me ensinam pela vivência e pela troca de saberes através dos seus olhares sensíveis ao mundo, Amanda Baroni, Pedrin Brum, Maria Paula Freire, Rafinha Sancho, Luís Silva, Julius Mack, Nany Sendra, Marcelo Barbosa. Erês que guiam minha estrada através das suas energias, Kaila, Kim, Samuel, Emily. Mestras e mestres, Eleonora Gabriel, Valéria Martins, Giselda Fernandes, Ruth Tapuya, Roberto Eizemberg, Eduardo C. Gomes, Steven Harper. Guias que cuidaram de mim através da espiritualidade, do amor e afeto, Xandy Carvalho e Raquel Cascaes. A estranheza como facilitadora do respeito ao diferente, Aline Teixeira. A coletividade e o respeito por quem compõe essa coletividade, Hugo Oliveira. Irmãos de alma, Zulu Gregório, Átila Dias, Daniel de Oliveira e Todes amigas de realidade próxima, de CG e da BXD.

SAKIDILA, AWERY!

RESUMO

Este trabalho discorre sobre o meu processo de construção do meu trabalho como autor, dançarino-fotógrafo. Narra sobre a experiência durante a trajetória antes, durante e o resultado da pesquisa com a dança e a fotografia caminhado juntas, na academia e fora dela. Fazendo dessas linguagens um meio de comunicação e formação do artista-criador. Pretendo conduzir uma investigação dos possíveis fazeres artísticos a partir do diálogo entre a dança e a fotografia com um tema condutor “Masculinidade e Afetividade Preta”. O processo criativo, ou seja, a prática realizada para adquirir o resultado final, que será uma exposição fotográfica on-line, será baseada na relação entre o dançarino-fotógrafo e dois dançarinos, com o objetivo de investigar movimentações para criação de imagens potenciais que expressem a relação das linguagens, através de laboratórios onde se entende o corpo como protagonista. A intenção é dialogar através da potência artística da fusão das vertentes, dança e fotografia criando um terceiro corpo, o híbrido.

Palavras-chave: Dança. Fotografia. Corpo. Imagem. Relação. Investigação. Movimento Potencial. Afeto. Homens. Corpos Pretos. Masculinidade.

SUMÁRIO

1. UM DIÁLOGO BROTOU.....	5
2. MOVIMENTO POTENCIAL E A FOTOGRAFIA.....	9
3. “LÁGRIMAS” – TÉCNICAS CONDUTORAS DE QUALIDADE POTENCIAL.....	10
4. O PROTAGONISMO DO CORPO PRETO NOS RETRATOS DE HELEN SALOMÃO.....	12
5. AFETO - UMA DESCONSTRUÇÃO SOCIAL.....	14
5.1 – EXPANDINDO O OLHAR PARA OS LUGARES DE AFETO.....	15
6. PROCESSO DE CRIAÇÃO	17
7. EPOSIÇÃO - MIMOVER - MASCULINIDADE PRETA E AFETIVIDADE PRETA.....	20
8. FICHA TÉCNICA.....	34
9. FLYER DA EXPOSIÇÃO.....	35
10. BIBLIOGRAFIA.....	36
11. ANEXO.....	37

Fotografia é corpo, corpo é memória, memória é movimento e movimento é dança.

UM DIÁLOGO BROTOU

Como pensar possíveis fazeres artísticos a partir do diálogo entre a dança e fotografia?

Esta questão permeou e permeia a trajetória da pesquisa que tem como desejo primordial o hibridismo entre a dinâmica das linguagens no âmbito da Dança e da Fotografia. Atento a trajetória de minha vida, conto que, sendo homem, de corpo preto, quando criança, morador do morro da Covanca em Jacarepaguá, em um dos extremos da Floresta da Tijuca, um espaço rico de natureza, onde com meus irmãos produzíamos nossos próprios brinquedos e brincadeiras, resinificávamos os objetos e os espaços. Autodidata, produzia meus desenhos no ônibus enquanto ele se movimentava, registrava tudo o que meu olho conseguia alcançar. Com o decorrer do tempo, fazendo parte de grupos sociais (grafite e dança) dando aula em espaços educacionais como ONG's e projetos sociais, mesmo que intuitivamente, produzia desenhos que registravam vivências a partir dos espaços que meu corpo transitava. Isso me influenciou e incentivou a adquirir uma câmera fotográfica compacta. A vivência com artistas de dança me fez fotografar pessoas dançando, não somente como forma de registro dos espetáculos ou dos artistas, e isso começou a trazer consciência de como os movimentos e as formas das imagens tinham potência comunicativa, que dialogavam de forma estranha e ao mesmo tempo instigadora para quem via, me motivando a fotografar danças de diversos corpos e de diversos movimentos. O registro da dança, inclusive o registro da minha própria dança se firmou no espaço da memória, no contexto da história, no espaço do movimento histórico da dança dentro dos seus espaços de atuação.

A câmera fotográfica, é o instrumento que caminha com o observador, registra o que o observador enxerga como potência artística, gera conteúdo, permite registrar corpos em diferentes relações, permite a escolha do que será registrado a partir da vivência, com isso se cria memória, trata-se de um movimento de potência histórica e artística. A dança age no campo da consciência de Corpos, e também é fio condutor dos afetos, pois, permite conhecer o mover em muitas esferas, dentro deste contexto de relação, entre corpo-câmera-corpo-ambiente.

Nesse sentido é possível reconhecer a importância da sensibilização da consciência de quem carrega consigo diversos corpos, carrega o corpo fotógrafo, corpo máquina, corpo fotografado, corpo que dança e corpo espaço.

Seguindo a narrativa da minha trajetória e da relação com a Dança e Fotografia, na academia. Antes mesmo de ser aluno matriculado, convidado pelo professor Alexandre de Carvalho para fotografar o Projeto de Extensão PADE, em eventos e atividades, comecei o processo de expansão do olhar para o múltiplo, registrei movimentos em terreiros de manifestações religiosas de matrizes africanas, corpos do grupo de pesquisa, observando assim os processos criativos.

Quando enfim aluno matriculado do curso de graduação em Dança tive a experiência de continuar registrando os processos do PADE, mas agora também envolvido em outras dinâmicas do curso, como no Projeto Corpo Estranho, conduzido pela professora Aline Teixeira onde pesquisei fragmentação do movimento e deformação do corpo, que tinha como objetivo abordar questões relacionadas ao estranho, inspirado nas referências das experiências vividas pelos integrantes do projeto, relacionado as imagens provocativas das árvores . Fui a partir daí construindo um processo de registro, experimentando a fotografia junto aos movimentos do corpo. Dança e fotografia juntos, aquele que dança e fotografa ao mesmo tempo. Desde então ganhei autonomia para experimentar a construção do diálogo entre dança e fotografia.



(Foto- Wagner Cria - ILê Axé Omo Odé Ojú Omin. - PADE – 2013)



(Foto – Wagner Cria - Exposição "Iya Olódes Mojuba: Criação artística sobre sagrado feminino" –PADE-2015

O projeto estético contemporâneo – e aqui se inclui a fotografia expandida – é exatamente a busca dessa diversidade sem limites e da multiplicidade dos procedimentos – novas formas do conhecimento humano onde o mundo passa a ser entendido como uma trama complexa, extraordinária e instável. A fotografia contemporânea é hoje um suporte para várias manifestações imagéticas que exigem do espectador uma capacidade de leitura diferenciada. (FERNANDES JUNIOR, Rubens. 2006. Pág. 15)

Rubens salienta para os múltiplos processos de criação, sobre o hibridismo no universo fotográfico que balança algumas estruturas clássicas em relação a fotografia. A busca pelo despertar do olhar do expectador como mecanismo crucial para o processo de criação. Sendo assim as combinações de linguagens podem ser um marco nos processos de vanguardas, processos alternativos e também históricos.

As “falas” da imagem propõem diálogos entre corpos, comunicação que pode acionar algumas experiências, podendo gerar pensamentos e inquietações de ordem social, político, pessoal, lúdico, artístico e etc. Fotografia é corpo, corpo é memória, memória é movimento e movimento é dança. Entendendo essa abordagem do hibridismo de linguagens, o autor propõe uma pesquisa relacional, dando destaque para o Movimento Potencial dos Fundamentos da Dança de Helenita Sá Earp, o olhar para encenação na fotografia de Man Ray, o trabalho apurado de luz, sombra e empoderamento de corpos pretos da artista Helen Salomão e para isso traz como tema – “masculinidade e afetividade preta”.

MOVIMENTO POTENCIAL E A FOTOGRAFIA

Lanço mão da reflexão sobre o Movimento Potencial como condutor das práticas para incentivar o processo criativo dos dançarinos e como consequência realizar a coleta de imagens a partir da prática.

Movimento é mudança qualitativa e quantitativa, movimento só pode surgir na diversidade, na zona do imóvel, não há movimento. Mas é na consciência do Imóvel na mobilidade que a qualidade surge. Qualidade é criação. (EARP, 1975, passim)

A partir do entendimento que EARP propõe como qualidade do imóvel, salienta para o desafio da construção das “imagens-dançadas”, se para o corpo vivo não existe a imobilidade definitiva a proposta da pesquisa visa entender de forma profunda a fruição do movimento em pausa. É através da Potência expressiva que o primeiro passo do trabalho se dará. Para EARP o Movimento Potencial é uma ação em busca de uma convergência de forças na corporeidade, em busca de diminuir a dispersão, e, assim, dinamizar a atenção na ação. (EARP, 1975, pág.98) – Com isso, o desejo primordial na resultante da captura das imagens é a construção da potência dos corpos dos dançarinos a fim de concentrar a expressão em um estado de “pausa” – a foto. O Movimento Potencial ajudará no meio entre fisicalidade corpórea humana e a fisicalidade da imagem, guiando a percepção visual.

Se apresenta como a energia latente e circulante que atua constantemente, ocorrendo de modo pouco perceptível sem mudança da trajetória aparente. “Sua importância fisiológica é (...) o desenvolvimento da força isométrica, do alongamento, do equilíbrio estático, da consciência cinestésica e artisticamente, sua importância está no embelezamento coreográfico, proporcionando nuances entre o agir e o conter do movimento.” (EARP, 1975, p. 7 - 8)

“LÁGRIMAS”– TÉCNICAS CONDUTORAS DE QUALIDADE POTÊNCIAL



(Man Ray – Lágrimas– 1935)

Segundo Frazão (2021), Man Ray, artista conhecido pelo trânsito e intervenção entre os movimentos Dadaísta e Surrealista, mas principalmente pelo seu autodidatismo em inventar técnicas e misturá-las para com isso experimentar possibilidades de criação, chamou atenção do autor em especial pela sua obra em destaque “LAGRIMAS”, pois contribuiu para a pesquisa que visa mesclar a possibilidade de ativar o campo do sensível, e o campo da técnica da fotografia, a fim de expressar uma potencialidade poética.

Para chegar a resultante da obra citada, Man Ray realizou o registro da encenação das lágrimas, feitas de gotas de vidro, a partir de um close do rosto virado da atriz. O que chama atenção nesta obra é a potência expressiva da atriz em demonstrar a emoção que resultou nas lágrimas, é possível observar também que as lágrimas foram produzidas tecnicamente, as lágrimas são falsas, quando nos deparamos com a obra sabemos que tratasse de uma expressão construída, mas o que a torna tão poética a ponto de imaginarmos situações diante dela?

Ao continuar dando vida aos reflexos, agora de outra natureza, continuamos na apresentação de elementos fotográficos a serviço da narrativa. Desta vez, os reflexos de personagens e objetos é que são aparentes. O trabalho do fotógrafo, neste sentido, é se cercar de critérios e mecanismos técnicos que favoreçam um registro com a câmera que resulta em – para pensarmos com os termos de Baxandall – “vestígios que ficam de sua ação” (BAXANDALL, 2006, p. 47).

E a partir dessas inquietações pretendo construir a pesquisa “Foto-Dançada” munido das inspirações técnicas, que junta sensibilidade do mover, e como citado por Baxandall, explorar possibilidade de vida e a partir dela registrar os vestígios potenciais com o objetivo de construir narrativas de relação.

O PROTAGONISMO DO CORPO PRETO NOS RETRATOS DE HELEN SALOMÃO

Este trabalho não seria possível sem antes refletir o contexto semeador da minha trajetória, e assim como tantos artistas pretos que construíram seus trabalhos sem se descolar da sua realidade social, que é ser preto, preta, favelado, favelada, nesse país pindorâmico, Brasil, que pouco lança o olhar da potência afetiva para estes corpos, nós, então, como estratégia de sobrevivência nos mostramos, fazemos ser vistos, estampamos, lembramos, concretizamos a própria afetividade, de muitas formas e maneiras.

Com isso, Helen Salomão se torna referência nesse trabalho, pois com ela foi possível entender de igual o que é construção de potência artística que usa o corpo, a pele, a poesia e a fotografia para contar histórias com poesia e afetividade.



(Foto: Helen Salomão – Os dias eram assim- 2020)

A escolha das imagens parte do interesse de investigar o que Salomão propõe no seu trabalho de exposição “OS DIAS ERAM ASSIM” que trata de uma série fotográfica em PB de autorretratos feitas na quarentena (SATO, 2020). Com maestria, Helen propõe um jogo de luz e sombra para compor sua proposta poética.

É sobre essa escolha da técnica de luz e sombra que o trabalho se desdobrará.

Salomão, para potencializar o conceito da sua série fotográfica que visava compartilhar as dores do isolamento social ao mesmo tempo em que ressignifica a dor e gerar memória positiva a longo prazo, optou em dinamizar a luz e a sombra.

Refletindo sobre essa técnica observo que, muito embora a sombra, ou seja, a penumbra na maioria das vezes seja usada para criar uma atmosfera obscura, de esquecimento, fragilidade. Essa quase luz e uma luz em quase escuridão, pode também propor um não lugar. É sobre esse não lugar, que a pesquisa visa investigar o contraponto da atmosfera de fragilidade, trazendo uma experiência de força, resistência e reexistência.

AFETO - UMA DESCONSTRUÇÃO SOCIAL

A escolha do tema condutor vem da vivência de ser homem preto, filho de uma mulher preta que gerou apenas homens, o afeto foi uma construção diária, pois, muito se espera que socialmente homens em especial homens pretos, com os traços, estrutura comuns do estereótipo no imaginário social de pretos, não sejamos potencializadores de afeto, pelo contrário, corpos pretos são em maior escala projetados a agir/receber violência. Como eu nasci nesse ambiente onde o afeto entre homens, irmãos, sempre foi muito incentivado, fui me tornando um homem que se permite chorar, emotivo, sensível ao todo, com presença conectada, não de forma romântica, me refiro a um lugar de conexão, da estrutura que acolhe. Na rua, quando somos expostos a dinâmicas de violência, somos endurecidos, e adoecemos. Homens são ensinados que há limites para expressões de carinho entre si. Qualquer demonstração de afeto, seja através de abraços ou beijos, são questionados, principalmente no que diz respeito a sexualidade, com isso são legitimados a serem tratados com ridicularização e agressão.

O trabalho visa expandir o olhar para mostrar e demonstrar gestos de afetividade entre homens. Com isso, visa também, incentivar a reflexão da importância e da valorização dos afetos como condutor de transformação das relações, corroborando para um novo olhar de mundo. Será que, se nós homens fossemos ensinados a demonstrar nossos afetos e sentimentos, seríamos ainda assim potencializadores de guerra? Por que o afeto é condicionado apenas para o feminino? Essas e outras questões permeiam na construção desse trabalho para gerar inquietações dentro e fora da academia.

Para exemplificar deixo uma lista desses momentos que serão explorados no trabalho.

Expandido o olhar para identificação das relações de afeto

- **Esquina** – lugar onde encontros acontecem para desenvolvimento de conversas e troca de ideias. Escola da vida.

Parado na esquina. Chegou outro irmão, nas trocas de ideias aprendemos tanto um com outro, a esquina é sala de aula, é sala de estar disponível para outro, para ouvir e escutar, tem gente que vê e chama de desocupado. Ocupo meu tempo estando ao seu lado, em cada troca de ideia que tanto aprendi, nossa esquina se fez uma escola raiz e por falar em raiz, enraizada em meu corpo, memória, ação presente, nossas trocas de ideias são tantos nós existentes.

- **Pipa** – afeto construído na infância, trocado sem construção de preconceitos.

Wagneeeeeeeeeiiii, os moleques gritaram lá fora. Bora soltar pipa, a pipa rasgou, faz um remendo, a pipa prendeu, faz a marimba, a pipa avoou, bora corre atrás, a pipa está toda quebrada já, dá para fazer uma máscara, olha só, ih olha a minha. Era para além da pipa, ainda é.

- **Estranho** – construção de afeto entre estranhos, recepção. Estender o abraço.

É estranho dar amor a um estranho? É estranho dar amor? É estranho homens amarem homens? É estranho amar? Meu corpo tem amor para te oferecer, o amor tem meu corpo para oferecer, pode parecer estranho, mas pelo amor, é, o caminho é pelo amor, pela dor parece comum que amor se tornou um estranho, que estranho.

- **Cadeirinha** – suporte realizado no calote do trem, para a subida na árvore, na laje, na aprendizagem do salto mortal, na subida para vida.

Sobreviver, vamos falar sobre vivências, foi um apoio que me fez ver a relação dos homens de outro lado e o processo para chegarmos do outro lado que fez o outro lado existir.

- **Dança** – lugar potente de troca de múltiplos afetos

Meu corpo vive dança e nesse viver, abraço e sou abraçado, cuido e sou cuidado. Ninguém nunca chegou e me disse "você tem que agregar, cuidar, acolher outres corpos a partir de dança" ou a dança mesmo disse, a dança fala fazendo, dança faz muito dançando.

- **Trenzinho Do Baile** – o toque em um momento de descontração.

Os homens que de dia se esbarram no trem da Supervia, na noite curtem o baile e no acumulo de corpos constroem outro super trem, felicidade nos seus rostos eu via, lugar de afeto e descontração, o contato é presente e o apoio no ombro mermão, pessoas se esbarram no trenzinho do baile, mas é nesse que elas ficam a vontade, o papo é reto, mas o trem faz curva e assim acontece até mais um até mais da lua.

- **Choro** – amparo do choro de um homem.

Mano, tô bem não. Quer conversar? E o choro em silêncio por horas gritou, no final um abraço, um eu te amo, um obrigado e as vezes até um sorriso.

- **Flor** – quais gestos indicam uma frase não dita entre homens?

De homem para homem, aqui um presente, poder ser uma flor, uma carta de amor e/ou um beijo. Um mundo em que presentear outro homem se faz mais delicado que uma flor, a diferença é que a delicadeza da flor é bonita.

- **Base** – A origem dos afetos.

Eu broto da base e junto comigo o afeto que carrego. Foi com uma mulher que aprendi a amar, aprendi a amar todes corpos.

PROCESSO DE CRIAÇÃO

Para compor o corpo do trabalho, convidei dois dançarinos, Daniel de Oliveira, Zulu Gregório e minha mãe Maria de Lourdes, com os meninos, ao longo da minha trajetória tivemos uma relação de irmandade, afetividade e pluralidade e por tanto a ideia para o trabalho constituiu-se em prática.

1º Encontro - de forma remota foi realizado o primeiro encontro onde apresentei a ideia geral do projeto e introduzi minha primeira metodologia sobre movimento potencial. Foi importante escutá-los refletindo sobre o entendimento desse conceito. Propus um exercício provocativo de observação e construção de imagem na proposição de exercícios.

Exercício Proposto: Um dançarino entra em uma cena, propõe um movimento potencial, enquanto isso o outro observa, e então a partir do que foi observado do primeiro, o segundo entra em cena para construir uma nova imagem a partir da afetação da primeira, também construindo movimento potencial. O jogo é entrar e sair de cena construindo afetações geradas pela observação.

O objetivo desse trabalho visava avaliar a dinâmica de relação entre os dançarinos e a reação efetiva dos comandos propostos. Pude observar que a entrega de escuta corpórea de ambos e o entendimento absorvido do que se trata o movimento potencial gerou atmosferas de potência criativa concreta. Foi um encontro satisfatório.

2º Encontro – também realizado de forma remota, trouxe para nosso segundo encontro a proposta de oferecer uma oficina sobre encenação a partir da perspectiva da teatralidade, com isso, contei com a presença da Graduanda em Direção Teatral pela UFRJ, Lilian Corrêa.

Para esse dia fiz uma pequena introdução sobre o trabalho do dia e logo me coloquei na função de observador do encontro.

Lilian, conduziu o encontro trazendo 3 etapas, de pronto ela perguntou se os dançarinos já tinham tido a experiência de encenar, e foram juntos descobrindo algumas experiências já vividas, em seguida, ela pediu para

que fechassem os olhos e conduzissem sua memória para lembrança da relação de afeto, depois de um silêncio, pediu para que essa memória fosse conduzida para lembrança do afeto masculino. Quando terminou a prática, pediu para que compartilhassem o que foi acessado.

Daniel, logo se posicionou, pois, de imediato quando foi dito a palavra afeto a memória foi conduzida para a figura da mãe e depois foi levando a outras lembranças em a relação ao feminino.

Zulu, embora tenha feito o esforço de lembrar-se de figuras masculinas, sentiu que a mãe e a namorada foram quem mais a memória acessou.

Quando o comando foi relação de afeto masculino, ambos trouxeram relatos dos momentos dos encontros em treino de dança.

Ouvi-los trouxe imagens de ambientações que no cotidiano não nos damos conta da afetividade, principalmente entre homens.

Com isso foi possível pensar possibilidades de espaço e relação.

Em seguida, Lilian, pediu para que eles mostrassem um objeto de sua casa apenas com gestualidade e oralidade, como se fosse um jogo de mímica, porém com a narração detalhada do objeto, trazendo tamanho, peso, textura e outras sensações de ordem da sensibilidade.

Como interpretar um corpo, com riqueza nos detalhes no seu próprio corpo?

Esse trabalho do segundo encontro foi essencial pois, construiu uma relação com a técnica metodológica que proponho conduzir trazendo o exemplo de Man Ray. Encenar para a fotografia.

3º Encontro - seguindo protocolos de segurança à prevenção da COVID 19, o terceiro encontro foi presencial.

Em local aberto, com paisagem, o primeiro momento do encontro foi de conversa, onde narrei minha experiência em produzir trabalho artístico a partir de imagens. Em seguida, sugeri um laboratório, que fiz no início da minha graduação com a professora Mariana Trotta.

Disponibilizei algumas fotografias impressas pelo chão, pedi para que observassem as imagens, principalmente as sensações que imagens causavam. A próxima condução foi construir a dança a partir da

fotografia, que para eles o corpo reagiu expressando as sensações, contando a partir das suas vivências histórias que dialogavam entre si. E foi a partir desse improviso de movimentos que construir células em potencial para a construção da fotografia.

O objeto central desse “dia-laboratório” foi construir dança a partir das imagens fotográficas e com isso fotografar o movimento potencial construindo assim, Fotos-Dançadas.

4º Encontro – Dia do Registro- seguindo os protocolos de segurança à prevenção da COVID 19, o quarto encontro foi presencial. Dia destinado à captura das fotos para a exposição.

Embora eu tenha pensado como iria agir na condução do dia de trabalho, a própria presença do encontro foi a força condutora. Tudo que eu tenho como base para pensar os estímulos para realização das fotos, foi se dando de forma natural, pela sensibilidade do encontro e a relação de afetividade. Escolher meus amigos-irmãos de vida e de profissão para serem intérpretes dessa experiência foi de modo geral, uma escolha certa, pois, foi possível realizar a proposta do trabalho, prática e poética. Eu tive como maior apoiadora, minha mãe, que esteve presente no dia, dando estrutura para realização do trabalho. Isso para mim, foi uma força potencializadora, sobre o que eu ressalvo na pesquisa, que é a importância das relações de afeto para a construção das relações.

A resultante do trabalho foi para além das minhas expectativas iniciais, houve um descontrole positivo. Pois, embora eu tenha pensado nas encenações das práticas construtoras das imagens, todas elas, literalmente, aconteceram de verdade.

Quando eu entreguei a lista do que seria trabalho aos intérpretes muito desse movimento já estava acontecendo, incluindo as muitas vezes que eu me pus a chorar por identificar tudo o que já estava acontecendo antes mesmo da captura das imagens. Até isso se deu, o acolhimento do meu choro pelos meus parceiros e colaboradores de trabalho. Nesse sentido eu concluo com a resultante dessa experiência através do meu olhar, mas feito por muitos.

Exposição

MIMOVER - MASCULINIDADE PRETA E AFETIVIDADE PRETA

ESQUINA



PIPA



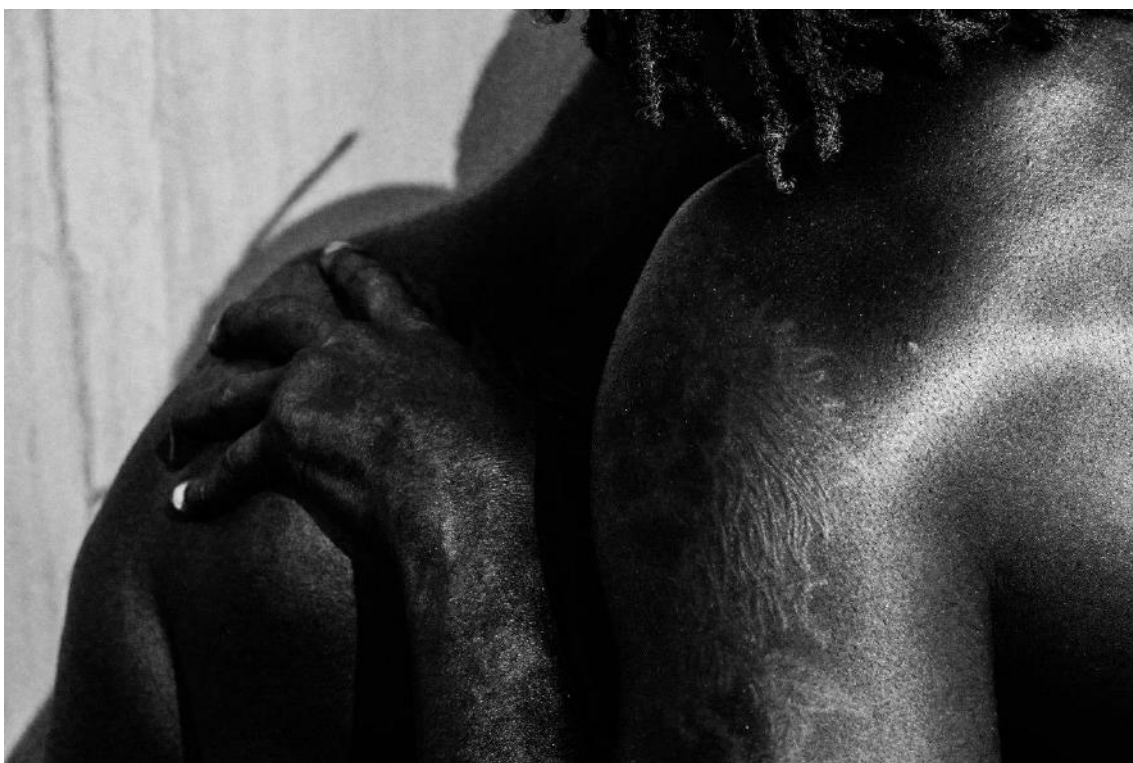


ESTRANHO





CADERINHA



DANÇA





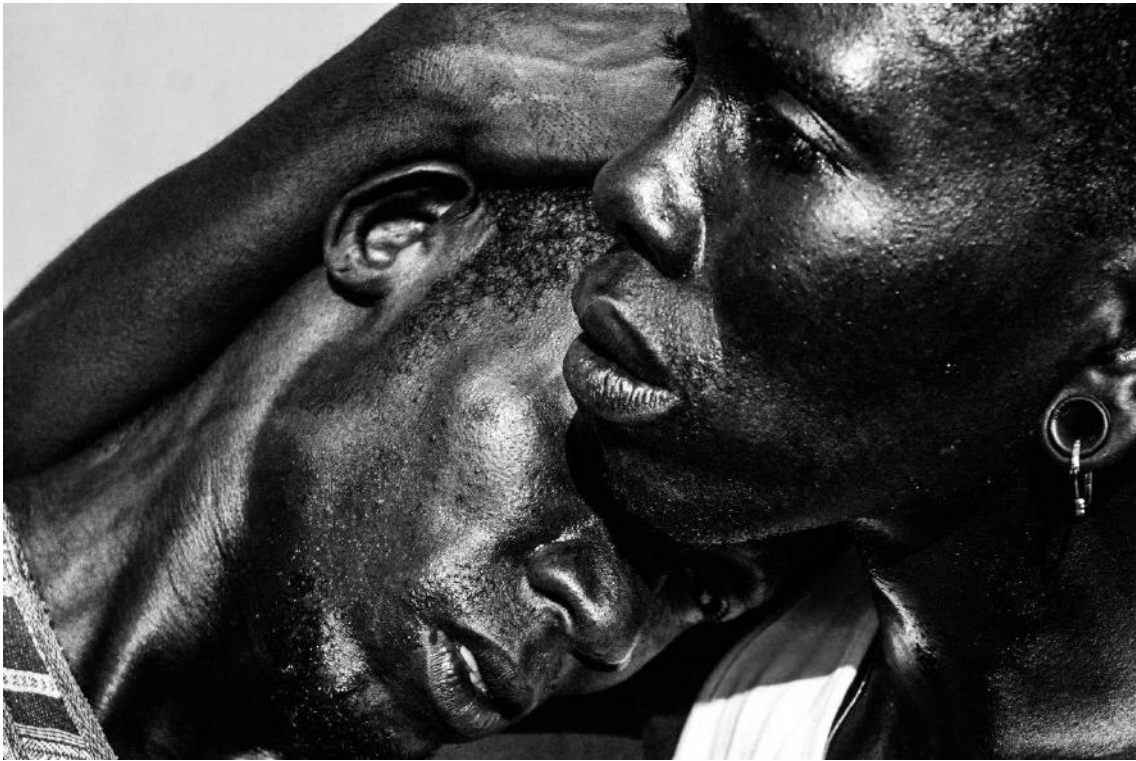
TREZINHO





CHORO





FLOR



BASE



FICHA TÉCNICA

Direção:

Wagner Cria

Orientação:

Roberto Eizemberg

Co-orientação:

Hugo Oliveira

Intérpretes:

Daniel de Oliveira

Maria de Lourdes

Wagner Cria

Zulu Gregório

Produção:

Lilian Corrêa

Wagner Cria

Fotografia:

Wagner Cria

FLYER DE DIVULGAÇÃO

Universidade Federal do Rio de Janeiro apresenta

MIMOVER

MASCULINIDADE E AFETIVIDADE PRETA

Exposição Fotodançada
Memorial de Wagner Cria

De 13 à 19 de Junho
Link na Bio do Instagram @wagnercria

Intérpretes:
Zulu Gregorio
Daniel de Oliveira
Maria de Lourdes

Realização

Apoio




BIBLIOGRAFIA

BAXANDALL, Michael. **Padrões de intenção**: a explicação histórica dos quadros. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FERNANDES JUNIOR, Rubens. Processos de criação na fotografia: apontamentos para os entendimentos dos vetores e das variáveis da produção fotográfica. **Revista Facom** - Faap nº 16 (2º semestre 2006): 10-19.

MEYER, André. “**Dança e Ciência**: estudo acerca de Processos de Roteirização e Montagem Coreográfica baseados em Formas e Padrões de Organização Biológicos a partir dos Fundamentos da Dança de Helenita Sá Earp” – 2012 - Instituto de Bioquímica Médica da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

FRAZÃO, Diva. **Biografia de Man Ray**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/man_ray/ Acessado em: 10 de junho de 2021.

SATO, Fernando. **Projeto Futuro do Presente, Presente do Futuro #6 – Helen Salomão**: Os dias eram assim. 2020. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/projeto-futuro-do-presente-presente-do-futuro-6-helen-salomao-os-dias-eram-assim/> Acessado em: 10 de junho de 2021.

ANEXO

DEPOIMENTOS

Marlúcia Ferreira

Penso ao tirar a foto o que existe entre as pausas e movimentos que são feitos nas mudanças de pose? Cada pose vem de repente e permeia a personalidade expressiva de cada um, mas na interatividade com o fotógrafo é gerado uma coautoria entre máquina, fotógrafo e quem está sendo fotografado juntos geramos um processo de interatividade e criatividade, onde a obra é criada no instante desse contato mútuo. Minha sensação particular é: a foto está num lugar da tentativa de captura do instante da vida humana que nos passa e transpassa, e nos escapa. Memória, borrão de um corpo que já não é o mesmo por estar em constante mutação. Silêncio....



Cayo Almeida

Ser fotografado por você Wagner Cria, meu amigo, foi super prazeroso, pois ser fotografado por alguém que além de ser cuidadoso com a sua imagem, tem um olhar extremamente criativo e atencioso para a construção da foto e vibra com os registros, além disso, me senti acolhido e confortável e bem direcionado para fazer as fotos.

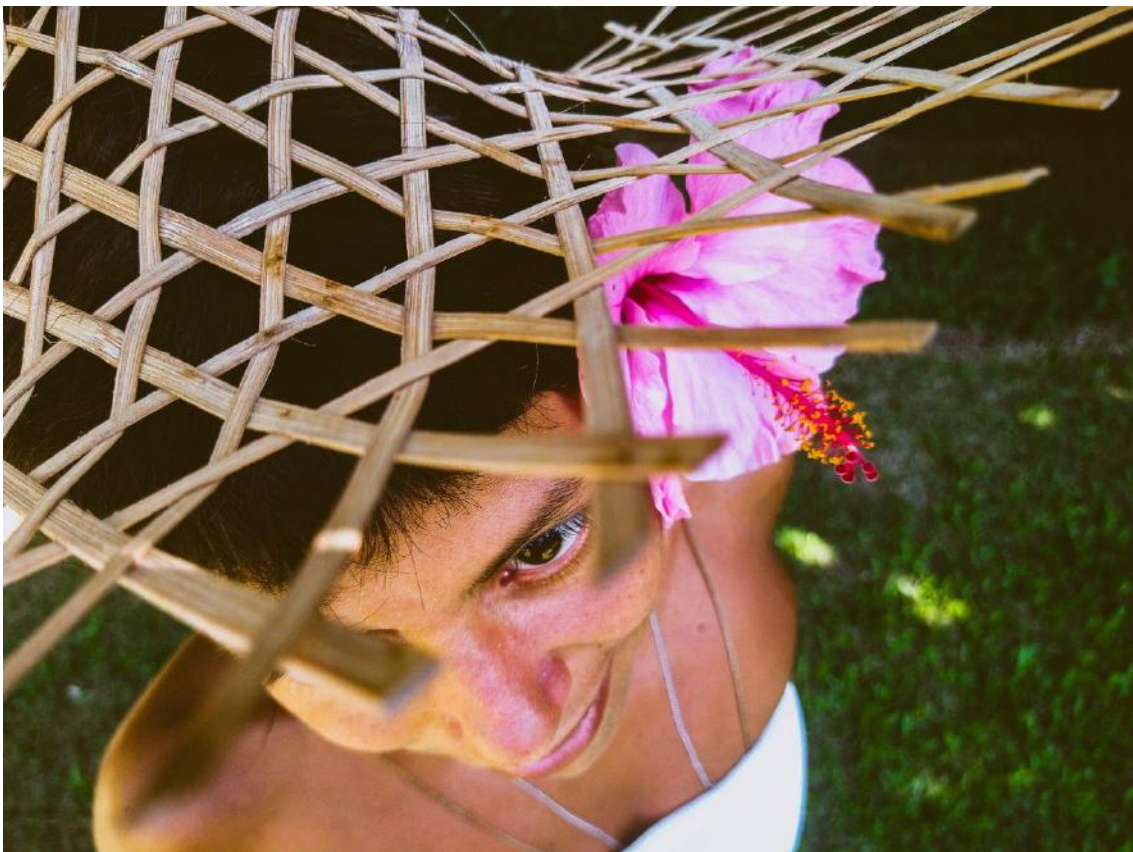


Mana Lobato

Observando o Wagner no seu processo com a fotografia me veio que a imagem só é encontrada além do que se percebe. Existe um espaço do acontecimento que só percebemos nuances, sempre menos do que as imagens são. A luminosidade, a perfumidade, a sonoridade, os pequeninos detalhes da pele, do que compõe aquele espaço são sempre maiores que os contornos dos objetos ou figuras.

Aprender a sentir é descobrir nosso corpo como nascendo dessas diferenças e singularidades da experiência que é estar sendo capturado por clicks. Há o risco do finito conhecimento de uma foto nos capturar e nos prender a não conhecer o aberto.

O Infinito que nos atravessa e sugere o êxtase precisa passar pelas imagens e o olhar de quem faz o click tem que estar pareado com esse horizonte cósmico. A intuição é o que protege o olhar do fotógrafo que faz o bailado das sensações no corpo e no espaço para aquele tempo sincronizar com infinito e assim produzir efeitos de corpos em outros corpos que vai ser sensibilizados ao olhar.



Lilian Corrêa

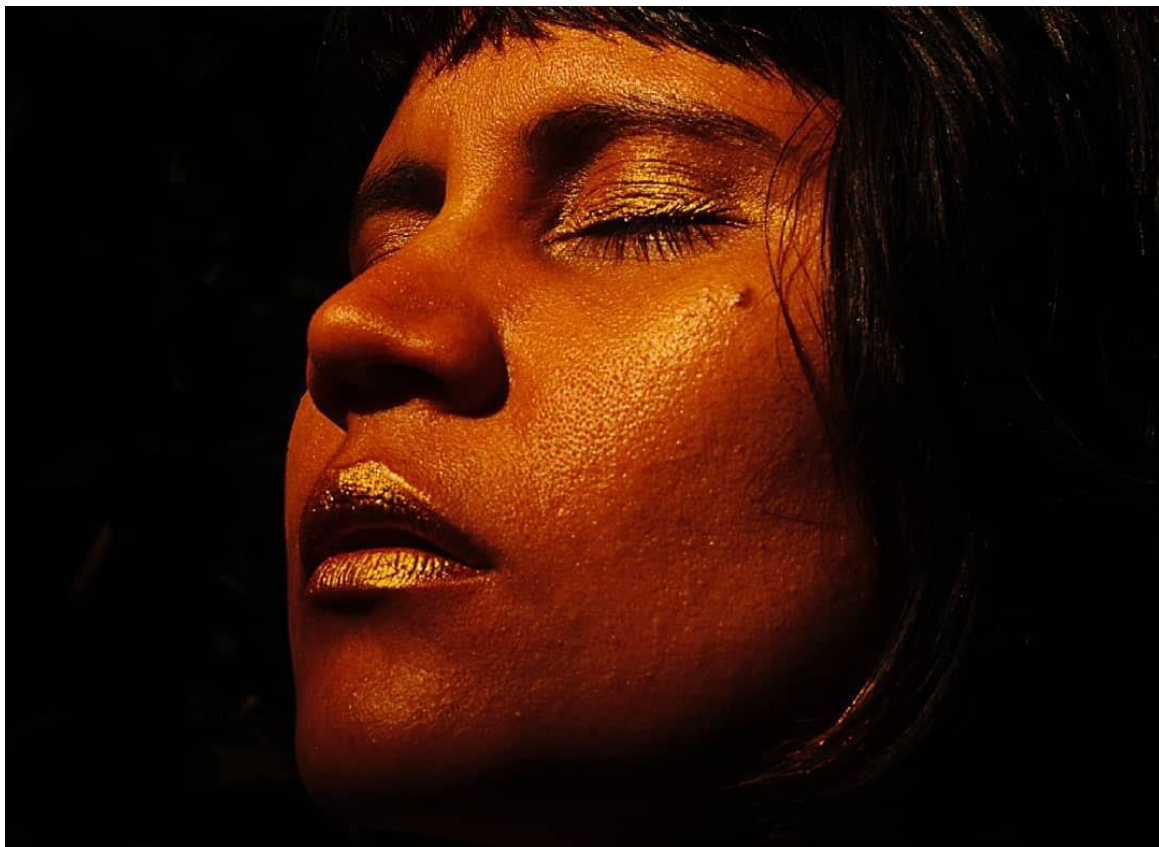
Fotografia é um troço muito viciante. É possível através dela congelar um evento no presente para ser memória revivida através das sensações no futuro, e quando a gente está no hoje vendo aquele recorte de momento, nos tornamos dramaturgos de uma história a ser contada, interpretada, é pura arte.

Lembro de até pouco tempo atrás não ser muito adepta a fazer autorretrato, me escondia de fotos coletivas, não gostava da ideia de posar para uma foto, interpretar um estado de sorriso para frente de uma lente matava meu estado de alma. Mas tive a experiência de poder compartilhar momentos com Wagner, que é fotógrafo, capturando a espontaneidade, mostrava a beleza do momento, do espaço.

Somos influenciados pelas redes sociais, criamos expectativas da beleza padronizada, quando não reproduzimos esse ideal, nos deparamos com a frustração e a autoestima abalada. Nesse sentido eu digo que foi muito importante a experiência de ter contato com as fotografias do Wagner, ou de ser o instrumento fotografado. Foi através do seu olhar artístico que eu pude perceber os movimentos que fotografia é capaz de capturar, e através dela alcançar diversas possibilidades de beleza, dentre elas a transformação do padrão de beleza.

Gosto muito da forma como um determinado espaço, como por exemplo o terraço de um prédio com poucos cuidados, exposto as intempéries, com lodo no chão, com fios espalhados, com poeira, com telhas quebradas e com escada enferrujada pode através do olhar do fotógrafo ser cenário para captura de imagens poéticas. Com luz, em um dia sol, com sombra em um dia nublado, as possibilidades são feitas através da sensibilidade de quem a captura, e sem dúvidas também demonstra a interação do fotógrafo criando uma rede de acontecimentos até a resultante da imagem, a foto. Percebo que começa pela a história que o corpo do fotógrafo carrega consigo, sua experiência, seu olhar, somando ao espaço que é que também carregado sua história como narrei acima, e por fim aquele que será fotografado que chega tomado por sensações e também com a sua história. A fotografia se torna o encontro das histórias, se torna história, pois o evento do momento do registro gera sensações,

estabelece relações, afetos, gera história, a fotografia registra e no futuro conta a história.

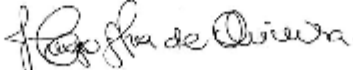


FICHA DE AVALIAÇÃO DO TCC – DAC/EEFD/UFRJ				
Estudante: <u>WAGNER DO CARMO IRIS</u>			DRE: <u>113101654</u>	
CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO				
	Orient.	Coo	Conv.1	Conv.2
1. Impressão geral: (1,5 pontos)				
a) O trabalho contribui para a área, apresenta uma forma produtiva de conhecimento?	0,375	0,375	0,375	0,375
b) Nota-se, no trabalho, a capacidade/elaboração crítica dos alunos?	0,375	0,375	0,375	0,375
c) Os alunos se envolveram no processo de elaboração do trabalho? Demonstraram organização e independência intelectual?	0,375	0,375	0,375	0,375
d) O trabalho está bem encadeado?	0,375	0,375	0,375	0,375
Nota 1 =	1,5	1,5	1,5	1,5
2. Formatação, organização, redação: (1,5 pontos)				
a) Os critérios básicos de formatação foram seguidos?	0,5	0,5	0,5	0,5
b) A redação é clara e organizada, inclusive as citações?	0,5	0,5	0,5	0,5
c) As referências são adequadas e atuais?	0,5	0,5	0,5	0,5
Nota 2 =	1,5	1,5	1,5	1,5
3. Conteúdo: (7 pontos)				
a) A Introdução apresenta claramente os elementos básicos?	1,4	1,4	1,4	1,4
b) A Fundamentação Teórica é coerente, consistente e atual?	1,4	1,4	1,4	1,4
c) Os procedimentos metodológicos são adequados e estão claramente descritos?	1,4	1,4	1,4	1,4
d) Os dados são adequadamente apresentados e discutidos? (no caso de pesquisa teórico-empírica)	1,4	1,4	1,4	1,4
e) A Conclusão é coerente com os objetivos?	1,4	1,4	1,4	1,4
Nota 3 =	7	7	7	7
SOMATÓRIO DAS NOTAS (1 + 2 + 3) =	10	10	10	10
MÉDIA FINAL = 10 (dez)				

Assinatura Orientador:



Assinatura Coorientador:



Assinatura Profa. Convidada:



Assinatura Prof. Convidado:

